

A Definição Marxista de Marxismo em Georg Lukács e Karl Korsch

Aline Cristina Ferreira*
Gabriel Teles**

Compreenderemos que o sistema marxista, *expressão teórica do movimento revolucionário da classe proletária*, deve, no plano ideológico, estar para com os sistemas da filosofia idealista alemã, expressão teórica do movimento revolucionário da classe burguesa, na mesma relação em que o movimento revolucionário de classe do proletariado está para com o movimento revolucionário burguês, no domínio da prática social e política – *Karl Korsch, Marxismo e Filosofia (1923)*.

A teoria que anuncia isso [i. e., que anuncia o proletariado como preconizador da dissolução do mundo existente] não se vincula à revolução de uma maneira mais ou menos contingente, por relações interligadas e “mal interpretadas”. *Ela é essencialmente apenas a expressão pensada do próprio processo revolucionário* – *Georg Lukács, História e Consciência de Classe (1923)*.

Georg Lukács e Karl Korsch foram dois autores que se destacaram na década de 1920, no seio do movimento operário, por publicarem duas obras cuja temática apontava para questões semelhantes e que possuíam grande valor ao desenvolvimento teórico do movimento revolucionário da época. Estamos nos referindo a *História e Consciência de Classe (1923)* e *Marxismo e Filosofia (1923)*, respectivamente. Ambas apontam para uma preocupação com o desenvolvimento da dialética marxista, dando ênfase à categoria da totalidade e ao ponto de vista do proletariado. Assim, a questão do método é central nestas obras e na definição de marxismo.

A década de 1920 foi precedida pelas Revoluções Russa, Alemã e Húngara. Assim, a ascensão e radicalização do movimento operário foram elementos fundamentais, além de outros, que possibilitaram a escrita de tais obras. Ademais, elas estão inseridas em um embate crítico com os principais ideólogos e herdeiros da Segunda Internacional — especialmente ligados a tradição kautskista. Por isso, ambas as obras colocam em discussão também a importância de Hegel e o “esquecimento” deste filósofo por grande parte dos autores da época que se autodenominavam marxistas.

No presente trabalho temos como objetivo apresentar as definições de marxismo contidas nas duas obras em questão, buscando compreendê-las e compará-las nesta questão específica. Nesse sentido, apresentaremos: (1) a concepção de marxismo em *História e*

* Graduada em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora pelo Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS). Contato: allinex3@gmail.com

** Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Sociologia pela mesma instituição. Pesquisador pelo Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) e NEMOS (Núcleo de Estudos e Pesquisa Movimentos Sociais). Contato: teles.gabriel@gmail.com

Consciência de Classe, de Lukács; (2) a concepção de marxismo em *Marxismo e Filosofia*, de Korsch; (3) alguns desdobramentos históricos, teóricos e ideológicos da discussão feita pelos dois intelectuais; e por fim (4) suas semelhanças e diferenças.

O marxismo segundo o jovem Lukács

É importante ressaltar que quando falamos de Lukács, no presente trabalho, estamos nos referindo ao jovem Lukács de *História e Consciência de Classe*, pois, após as críticas endereçadas a esta obra, o autor muda de concepção ao aprofundar os seus estudos sobre Lênin e aderir à ideologia do reflexo¹. Utilizaremos neste tópico o primeiro texto deste livro, “O que é marxismo ortodoxo?”, já que ele nos traz elementos essenciais para discutirmos a concepção de marxismo no jovem Lukács.

Para Lukács (2012) a “ortodoxia” do termo “marxismo ortodoxo” se refere a uma questão de método, não a uma “fé” nos escritos de Marx. Ou seja, um marxista ortodoxo é aquele que tem como ponto de partida de análise o método dialético (assim como desenvolvido pelos fundadores do marxismo), entendido como um método de investigação correto e revolucionário. Lukács não se refere, no entanto, à dialética assim como preconizada por Engels (1979) na obra *Anti-dühring* – que na verdade será alvo de críticas do autor húngaro –, mas sim ao que ele consegue captar dos escritos de Marx, tais como *Miséria da filosofia* (2001) e *O capital* (2013), apontando também para a importância dos escritos de Hegel no interior do marxismo.

Nesse sentido, a categoria da totalidade e da historicidade tornam-se elementos fundamentais para o marxismo na concepção do jovem Lukács. Diferentemente do método burguês, a dialética marxista pressupõe situar historicamente aquilo que é analisado, bem como superar a visão fragmentada, buscando a totalidade concreta e, assim, a compreensão da realidade². “Somente nesse contexto, que integra os diferentes fatos da vida social (enquanto

¹ Há uma gama de autores que tratam sobre a trajetória intelectual de Lukács, apontando para um debate sobre como poderíamos (ou não) “dividir” suas obras. Michael Löwy (1979), por exemplo, traz um extenso levantamento de documentos e bibliografia acerca deste assunto. Netto (1981) traz de maneira panorâmica tanto os aspectos biográficos de Lukács, quanto a discussão realizada por outros intelectuais sobre as relações entre Lukács e o stalinismo (Netto aponta, por exemplo, sua discordância em relação à divisão do pensamento de Lukács realizada por Lucien Goldmann). Além disso, é possível conferir o que Lukács diz sobre si mesmo no Prefácio de 1967 de HCC (LUKÁCS, 2012), bem como em outros textos autobiográficos como *Pensamento Vivido: autobiografia em diálogo* (LUKÁCS, 2017) e *Meu caminho para Marx* (LUKÁCS, 2008). De qualquer maneira, houve de fato um aprofundamento da influência leninista em seu pensamento, o que pode ser constatado pelos seus próprios escritos sobre literatura, por exemplo, a partir da década de 1930.

² Lukács parte do pressuposto defendido por Marx (2008) de que a realidade concreta é a síntese das múltiplas determinações.

elementos do desenvolvimento histórico) numa totalidade, é que o conhecimento dos fatos se torna possível enquanto conhecimento da realidade” (LUKÁCS, 2012, p. 76). A totalidade torna-se, para o autor, uma categoria fundamental para a compreensão da realidade.

Não é o predomínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes constituem a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova (LUKÁCS, 2012, p. 105).

Considerando que a realidade, no caso da sociedade capitalista, é marcada pela luta de classes, cuja classe revolucionária é o proletariado, Lukács (2012) aponta que o método dialético deve partir do ponto de vista do proletariado. Sendo que a unidade entre prática e teoria só será possível quando a classe operária for sujeito e objeto do conhecimento, o que coincide com o conhecimento da totalidade. Assim, “[...] com a perspectiva de classe do proletariado, encontra-se um ponto a partir do qual a totalidade da sociedade torna-se visível. Com o advento do materialismo histórico surge, ao mesmo tempo, a doutrina ‘das condições da libertação do proletariado’” (LUKÁCS, 2012, p. 96).

Quando se fala em ponto de vista do proletariado Lukács não está se referindo ao ponto de vista de um indivíduo que pertença à classe operária, mas sim à classe enquanto totalidade autodeterminada – o que Marx (2001) chama também de classe para si. Essa discussão é desenvolvida em seu texto específico sobre consciência de classe. De modo resumido, sobre isso, pode-se depreender o seguinte:

A consciência da classe não é, pois, o que pensa o indivíduo x ou o indivíduo y, mas sim o que a totalidade da classe, devido sua posição na divisão social do trabalho, seus interesses elabora. A apreensão da consciência de classe só pode ser percebida se se parte do ponto de vista da classe e não do indivíduo ou de grupos de interesse dentro da classe. A totalidade que é a classe condiciona os interesses, os sentimentos, as formas de pensar, os valores etc. dos indivíduos e não o contrário (MAIA, 2015, p. 88-89).

O método dialético e, portanto, o marxismo ortodoxo, para Lukács (2012) está intrinsecamente ligado à revolução social encabeçada pelo proletariado. A defesa do ponto de vista do proletariado é essencial, já que “[...] para o método dialético a transformação da realidade constitui o problema central” (LUKÁCS, 2012, p. 68).

Lukács reconstitui assim o marxismo como uma forma de saber umbilicalmente vinculada ao proletariado. Afinal, [...] a única classe capaz de promover a esperada modificação social, garantindo, ao mesmo tempo, a unidade de teoria e prática, seria o proletariado (MUSSE, 2005, p. 386).

Nesse sentido, podemos concluir que, para este autor, o marxismo não apenas é produto da luta de classes, tendo surgido com o proletariado, como também só pode existir caso esteja relacionado à classe operária enquanto classe revolucionária.

Pois o método marxista e a dialética materialista enquanto conhecimento da realidade só são passíveis do ponto de vista de classe, do ponto de vista da luta do proletariado. Abandonar essa perspectiva significa distanciar-se do materialismo histórico, do mesmo modo como adotá-la implica diretamente a participação na luta do proletariado (LUKCÁCS, 2012, p. 98).

O marxismo segundo Korsch

O livro *Marxismo e Filosofia* é composto por um texto de mesmo nome em que estão apresentadas as principais discussões levantadas por Korsch, além de pequenos textos escritos ainda no início da década de 1920. A partir da segunda edição, passou a compor a brochura o texto de anticrítica do autor. Não focalizaremos um texto específico para resgatar a concepção de marxismo do autor, buscaremos uma ideia geral que permeia todos os textos. Korsch é conhecido por ir além dos intelectuais marxistas de destaque do início do século XX, ao constituir uma concepção que se opunha ao pseudomarxismo da Segunda Internacional, que possuía um caráter cientificista.

Korsch (1977) relaciona a perspectiva de classe com a produção do saber. A filosofia, portanto, seria uma forma de expressão de determinada época. Nesse sentido, a filosofia burguesa estaria relacionada às revoluções burguesas, ocorrendo o mesmo com o “pensamento proletário”. Ou seja, há uma relação intrínseca entre marxismo e perspectiva de classe do proletariado. Assim, Korsch explicita essa relação:

Compreenderemos que o sistema marxista, *expressão teórica do movimento revolucionário da classe proletária*, deve, no plano ideológico, estar para com os sistemas da filosofia idealista alemã, expressão teórica do movimento revolucionário da classe burguesa, na mesma relação em que o movimento revolucionário de classe do proletariado está para com o movimento revolucionário burguês, no domínio da prática social e política (KORSCH, 1977, p. 78, *grifos nossos*).

Assim, o marxismo para Korsch é a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado³. Nesse sentido, o surgimento do proletariado foi uma das condições para que o marxismo se originasse. “Em termos hegelianos-marxistas, o aparecimento da teoria marxista

³ Viana (2008) realiza uma fundamentação histórica e teórica dessa definição. O autor, por exemplo, explica o que é o proletariado (enquanto classe “em si” e “para si”, e a sua perspectiva revolucionária), bem como o significado do termo “expressão teórica” dentro do marxismo. Em suma, ele destrincha a definição de Korsch, fundamentando-a. Não exporemos isso aqui por questão de espaço.

não é senão o ‘outro aspecto’ do aparecimento do movimento proletário real; os dois aspectos juntos constituem a totalidade concreta do processo histórico” (KORSCH, 1977, p. 79). O autor não parte do céu a Terra, mas da realidade concreta ao pensamento, assim como preconizado por Marx e Engels (2007).

Por esse ângulo, de acordo com Korsch (1977), no texto específico sobre a dialética, Marx não foi o criador do movimento proletário, mas expressou teoricamente, de forma apropriada, a consciência proletária. Nesse sentido, o autor defende que o materialismo histórico é uma teoria revolucionária que aponta para a transformação social, superando também a própria filosofia.

Haverá antes que dizer que o materialismo dialético de Marx e Engels, na forma em que se exprime nas 11 Teses sobre Feuerbach e nas obras da mesma época, publicadas ou inéditas, deve absolutamente ser considerado, pela sua natureza teórica, como uma filosofia: mais precisamente, como uma filosofia revolucionária que vê a sua missão enquanto filosofia em conduzir de forma efetiva a luta revolucionária contra o regime existente, que se trava simultaneamente em todas as esferas da realidade social, numa esfera determinada desta realidade, a filosofia, para, desta forma, no momento da superação de toda a realidade social existente, chegar também à superação efetiva da filosofia, que é parte integrante ainda que ideal, dessa realidade. Como diz Marx: “Não podeis superar a filosofia sem a realizar” (KORSCH, 1977, p. 110-111).

Karl Korsch (1977) ainda aponta que a criação de uma expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado só foi possível devido ao método dialético. Para este autor, o método dialético é um recurso heurístico para se analisar a realidade (KORSCH, 1977), isto é, “[...] um conjunto de categorias relacionadas que são extraídas da realidade e servem de ‘guia’ para analisá-la” (VIANA, 2007, p. 100).

Korsch não só define marxismo como também efetiva o seu processo analítico. Nessa perspectiva, o autor de *Marxismo e Filosofia* procura analisar historicamente o marxismo à luz do próprio marxismo⁴. A partir disso ele consegue chegar à definição da teoria marxista enquanto expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado. Korsch analisa o marxismo desde a sua gênese até os anos de 1920. A sua abordagem é muito distinta das de

⁴ É interessante apontar que Lukács (2012), no Prefácio de 1922 à HCC, também fala sobre aplicar o marxismo a si próprio. O método de Marx é histórico e, “Por conseguinte, é preciso aplicá-lo continuamente a si mesmo, e esse é um dos pontos essenciais desses ensaios.” (LUKÁCS, 2012, p. 54).

Kaustky, em *As Três Fontes do Marxismo* (2002), e de Lênin, em *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo* (1985)⁵.

O único método verdadeiramente ‘materialista’ e, portanto, ‘científico’ (Marx) para uma investigação desse tipo consiste antes em aplicar a perspectiva dialética introduzida por Hegel e Marx no estudo da história, e que, até agora, só aplicamos à filosofia do idealismo e à teoria marxista dela nascida, também à evolução ulterior desta até os nossos dias. Quer dizer, temos que procurar compreender todas as transformações, desenvolvimento e regressões, na teoria e na prática, dessa teoria marxista, desde a sua formação a partir da filosofia do idealismo alemão, como produtos necessários do seu tempo (Hegel) ou, mais precisamente, compreendê-las no seu condicionamento pela totalidade do processo histórico e social de que são a expressão geral (Marx) (KORSCH, 1977, p. 90).

Em síntese, o marxismo para Korsch está ligado diretamente ao movimento operário, tendo como horizonte a transformação social, considerando o proletariado enquanto classe revolucionária.

Desdobramentos históricos, teóricos e ideológicos

O caminho percorrido tanto por *História e Consciência de Classe* quanto por *Marxismo e Filosofia*, basilares para o desenvolvimento do marxismo no contexto da intensificação das lutas de classes durante os primeiros levantes revolucionários do século XX, após suas publicações, é diverso e sintomático. O pseudomarxismo, ora de lastro social-democrata, ora de lastro bolchevique, condenou as respectivas obras como ultra-esquerdistas e idealistas, como é descrito por Zizek:

Na sua famosa intervenção nesse congresso [quinto congresso do Comintern de 1924], Zinoviev fez questão de desferir um ataque anti-intelectualista e de fácil apelo contra os desvios “ultra-esquerdistas” de Lukács, Korsch e outros “professores”, como depreciativamente referiu-se a eles, apoiando, assim, a crítica de Laszlo Rudas, companheiro de Lukács no partido húngaro, contra seu “revisionismo” (ZIZEK, 2003, p. 162).

Diante desse cenário, Lukács realizou uma autocrítica, renegando tais escritos. Por isso uma segunda publicação de *História e Consciência de Classe* só veio a ocorrer no ano de 1967.

⁵ “Seria uma interpretação muito superficial do processo histórico, de forma alguma marxista e materialista, nem sequer hegeliana e idealista, mas antes totalmente adialética, se víssemos a causa desta crise que eclodiu no campo do marxismo à primeira prova de fogo simplesmente na covardia ou nas deficientes convicções revolucionárias dos teóricos e publicistas responsáveis por essa trivialização e empobrecimento do conjunto da teoria marxista de que resultou o marxismo vulgar ortodoxo da Segunda Internacional. E, por outro lado, seria igualmente superficial e adialético imaginar seriamente que, nas grandes polêmicas entre Lênin e Kaustky e outros ‘marxistas’, o que estava verdadeiramente em causa era apenas uma espécie de Reforma do marxismo, um restabelecimento fiel da doutrina autêntica de Marx” (KORSCH, 1977, p. 90).

Mas, ainda assim, o livro se tornou famoso e utilizado por diversos intelectuais, tais como Lucien Goldmann, Karl Mannheim, os autores da teoria crítica da Escola de Frankfurt etc. De acordo com Zizek (2003, p. 159-160), “o impacto do livro esteve longe de se restringir a círculos marxistas: mesmo Heidegger foi claramente afetado por *História e consciência de classe*, havendo alguns sinais inconfundíveis disso em *O ser e o tempo*”.

Por sua vez, Korsch realizou uma anticrítica (1931) reafirmando, radicalizando e aprofundando suas ideias expostas em *Marxismo e Filosofia*. Após o refluxo das experiências revolucionárias da década de 1920, Korsch revê um de seus posicionamentos sobre o leninismo, especialmente as obras e prática política de seu fundador, Lênin. Se antes Korsch o colocava como um autêntico continuador do marxismo, agora, em sua anticrítica, ele aparece como um dos grandes deformadores do materialismo histórico e relegado ao lastro de pseudomarxista⁶. Dessa forma, se desvincula não apenas dos partidários da extinta II Internacional, mas igualmente da nascente III Internacional hegemônica pelo bolchevismo (em 1926 é expulso do Partido Comunista Alemão), se aproximando cada vez mais dos comunistas de conselhos⁷, tais como Anton Pannekoek, Herman Gorter, Otto Ruhle, etc. (KELLNER, 1981). De acordo com Renton,

Korsch tentou reunir uma oposição comunista internacional, buscando se unir à Esquerda Comunista Italiana, de Amadeo Bordiga, sem sucesso. [...] Ele tentou influenciar o movimento comunista apelando para figuras proeminentes que eram de sua amizade na esquerda internacional, inclusive Bertold Brecht. Korsch continuou escrevendo ensaios para as revistas da esquerda estrangeira (Council Correspondence, Partisan Review, Modern Quarterly, New Essays e Living Marxism) e uma obra sobre Karl Marx em 1938. Ele continuou publicando até os anos cinquenta, mas o seu trabalho sofre de seu sentimento evidente de frustração. O mundo estava sendo dividido em alianças políticas pela Guerra Fria, e Korsch percebeu que havia um espaço muito pequeno para qualquer esquerda autêntica poder florescer. Ele morreu em 1961 (RENTON, 2015, p. 87).

⁶ Korsch expressa o caráter ideológico e não revolucionário da concepção leninista sobre o materialismo histórico: “Naturalmente que um tal materialismo, que parte da representação metafísica de um ser dado de forma absoluta, já não é também, na realidade, apesar de todos os protestos formais, uma concepção dialética universal ou porventura materialista dialética. Lênin e os seus, ao transferirem unilateralmente a dialética para o objeto, para a natureza e a história, e ao qualificarem o conhecimento de simples reflexo e reprodução passivos deste ser objetivo na consciência subjetiva, destroem efetivamente toda a relação dialética entre o ser e a consciência e também, como consequência necessária, a relação dialética entre a teoria e prática” (KORSCH, 1977, p. 48).

⁷ Apesar de Korsch ter escrito sobre os conselhos operários (especialmente no contexto da Revolução Alemã) e a relação com o processo de socialização da sociedade (KORSCH, 1973; KORSCH, 1980), é somente após o seu total rompimento com o bolchevismo que ele se vincula aos intelectuais e militantes que expressaram os conselhos operários em nível teórico.

Korsch também contribuiu na fundação do Instituto de Pesquisa Social, que mais tarde ficou conhecido como Escola de Frankfurt, e exerceu influência em outros intelectuais bastante conhecidos, como Bertolt Brecht. Contemporaneamente, no Brasil, Nildo Viana (2014) busca evidenciar as contribuições de Korsch ao marxismo e desenvolver muitas de suas ideias.

Outro elemento que marca a importância das duas obras e suas relações, é que ambas são consideradas expoentes do denominado marxismo ocidental. A utilização desse termo, inclusive, é originária do momento de discussão desses dois livros. De acordo com Musse (2012), o termo “ocidental” para designar as obras de Korsch e Lukács da década de 1920 aparece pela primeira vez na Anticrítica (“Estado atual do problema”) de *Marxismo e Filosofia*, publicada a partir da segunda edição deste livro, em 1930. Ou seja, é a partir da discussão desencadeada pelas obras desses autores que o termo marxismo ocidental começou a se constituir como um conceito, em oposição ao chamado marxismo oriental/soviético.

A generalização e difusão do termo se deram a partir do processo de “desestalinização” e também após o Maio de 1968 (COSTA NETO, 2014), tornando-se consagrado e ainda mais discutido a partir do lançamento do livro *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*, em 1975, de Perry Anderson. Neste livro, Anderson (1976) não apenas tenta sistematizar uma definição de marxismo ocidental como também o critica. Este autor aponta que o marxismo ocidental teria como característica principal a separação entre teoria e prática política, gerando um “academicismo” e estudos voltados mais para filosofia, cultura e artes.

Outro elemento que Anderson (1976) aponta é a rejeição do marxismo ocidental aos últimos textos de Engels, havendo, por outro lado, uma atenção maior dada a Hegel. Ainda de acordo com este autor, este marxismo teve início com as discussões desencadeadas pelas duas obras da década de 1920 de Korsch e Lukács, depois supostamente desenvolvidas por outros autores, como os da Escola de Frankfurt, mas também Sartre, Althusser, Della Volpe, dentre outros.

No entanto, em nossa perspectiva, o desenvolvimento do marxismo ocidental enquanto um “conceito” analítico que busca evidenciar um conjunto de intelectuais que possuem elementos teóricos e metodológicos em comum, deve ser visto com cautela. Apesar de colocar tanto Korsch quanto Lukács como fundadores do marxismo ocidental, os seus supostos epígonos, colocados por Anderson, não possuem a mesma radicalidade ou o mesmo ponto de partida sobre a compreensão da sociedade sob o ponto de vista marxista.

Semelhanças e diferenças

Tanto Korsch quanto Lukács concebem o marxismo como uma teoria intrínseca ao ponto de vista do proletariado e, portanto, a uma perspectiva que tem como horizonte a transformação social via revolução proletária. Consideramos que esta é a principal semelhança entre a concepção de marxismo dos dois autores, além da influência proveniente da filosofia alemã. No entanto, percebemos que em Lukács a questão do método é ainda mais valorizada, já que a dialética marxista é considerada revolucionária e o marxismo ortodoxo é aquele que é fiel a este método. Em Korsch, temos uma definição menos abstrata, onde o marxismo é considerado expressão teórica de determinado fenômeno social concreto (no caso, do movimento revolucionário do proletariado). Para este autor o método dialético é um recurso heurístico, e quem é revolucionário é o proletariado e a sua expressão teórica (o marxismo). Por esse ângulo, apesar de não tão detalhado como os escritos de Lukács, Korsch é mais consequente e leva às últimas consequências o caráter revolucionário do marxismo, enquanto Lukács incorre em algumas ambiguidades em seus escritos:

A obra de Lukács (1989), apesar de sua contribuição e pontos relevantes, é marcada por ambiguidades que comprometem a sua análise da dialética materialista e a correspondente prática política. A primeira ambiguidade é metodológica: ele oscila entre Marx e Weber, materialismo histórico e sociologia compreensiva. A sua tese da consciência proletária adjudicada (atribuída pelos intelectuais revolucionários) é um “tipo ideal” weberiano e nada tem de marxista. Outra ambiguidade é política: ele oscila entre Rosa Luxemburgo e Pannekoek, por um lado, e Lênin, por outro. Daí colocar em alguns textos que a forma de manifestação concreta da consciência de classe revolucionária do proletariado é os conselhos operários e em outros coloca que esse papel cabe ao partido político. Assim, se Lukács foi feliz em sua análise crítica do pseudomarxismo da II Internacional, da reificação e consciência burguesa, do fetichismo dos fatos, aprofundando sobre a questão da categoria totalidade, ele foi limitado por não ter se livrado da inspiração weberiana e leninista (VIANA, 2014, p. 18).

Contudo, apesar disso, ainda encontramos outras semelhanças relevantes nas duas definições de marxismo, apontadas a seguir. A historicidade, por exemplo, é um elemento muito importante tanto para Korsch quanto para Lukács. Em *Marxismo e Filosofia* o autor utiliza o materialismo histórico na análise histórica do marxismo, periodizando-o em três momentos (que não expomos também por motivos de espaço). O ponto de partida dessa periodização são justamente as ações do movimento operário e o desenvolvimento do marxismo na história. Lukács (2012), como apresentado no tópico destinado ao autor, enfatiza também a historicidade, mas a partir de uma discussão mais abstrata. Outro elemento comparativo entre

os dois é o peso dado à categoria da totalidade. Lukács (2012) não apenas aprofunda essa questão como também dá maior ênfase a ela dentro do método dialético, enquanto Korsch (1977) não desenvolve essa questão em comparação ao autor húngaro.

Além disso, existem outros elementos que poderiam ser apontados, em que há um desenvolvimento maior por determinado autor (como a questão da consciência de classe e a reificação em Lukács), mas que extrapolaria o nosso tema específico que é a definição de marxismo. No entanto, diante desta breve comparação, o que podemos constatar de modo mais imediato é que grande parte das diferenças entre as concepções de Lukács e Korsch não parece ter como característica principal o antagonismo de perspectivas, mas sim a complementaridade. Ou seja, as duas concepções, e também as duas obras como um todo, parecem se complementar, já que um autor desenvolve determinados aspectos que não são aprofundados pelo outro⁸. E isso pode ser explicado pelo período histórico específico da escrita de tais obras, caracterizado pela intensificação da luta de classes.

Considerações finais

As concepções de marxismo do jovem Lukács e Korsch ganham destaque em suas obras da década de 1920, e podem ser consideradas como um dos motivos para que houvesse debates tão acalorados naquele momento histórico. Até hoje as ideias levantadas por esses autores constituem um terreno fértil para debate. A importância de *História e Consciência de Classe e Marxismo e Filosofia* é inegável, ainda que não haja uma concordância completa com tais obras. Korsch e Lukács, em seu tempo, vigoraram e deram fôlego ao marxismo que começava a se degenerar e transformar em outra coisa. Em uma perspectiva que aponte para a transformação social, o resgate daqueles que contribuíram para o desenvolvimento e aprofundamento de forma coerente com o marxismo é fundamental não só por seu valor histórico, mas principalmente por seu valor na luta de classes da sociedade capitalista.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Afrontamento, 1976.

⁸ No entanto não desconsideramos a existência de especificidades em relação aos dois autores, como vimos na própria questão do método. Isso porque até mesmo as influências dos autores são diversas, para além de Hegel e Marx. Mas, de modo geral, os seus escritos apontam para uma visão complementar. De qualquer maneira, para fundamentar de modo mais sólido essa ideia de complementaridade, seria necessário o empreendimento de uma pesquisa rigorosa sobre esse assunto, considerando todas essas especificidades.

COSTA NETO, Pedro Leão da. Crítica ao conceito de marxismo ocidental. *Crítica Marxista*, nº 38, p. 9-28, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo307artigo1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KAUTSKY, Karl. *As Três Fontes do Marxismo*. São Paulo: Centauro, 2002.

KELLNER, Douglas. *El Marxismo Revolucionário de Karl Korsch*. México: Premia, 1981.

KORSCH, Karl. *Lucha de Clases y Derecho del Trabajo*. Barcelona: Ariel, 1980.

_____. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

_____. *Que Es La Socializacion? Um Programa de Socialismo Practico*. México: PyP, 1973.

LÊNIN, Vladimir. *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo*. São Paulo: Global, 1985.

LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech, 1979.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. Meu caminho para Marx. In: _____. *Socialismo e democratização: escritos políticos (1956-1971)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. *Pensamento Vivido: autobiografia em diálogo*. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MAIA, Lucas. Marxismo e Proletariado em “História e Consciência de Classe”, de Georg Lukács. *Sociologia em Rede*, v. 5, nº 5, p. 82-113, 2015. Disponível em: <redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/6maia5>. Acesso em: 01 mar. 2018.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *O Capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MUSSE, Ricardo. A dialética como discurso do método. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, nº 1, p. 367-389, jun. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a15>. Acesso em: 01 mar. 2018.

_____. *A gênese do conceito de marxismo ocidental*. 10 fev. 2012. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2012/02/10/a-genese-do-conceito-de-marxismo-ocidental-coluna-de-estreia-de-ricardo-musse/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

NETTO, José Paulo. Introdução: Lukács – Tempo e modo. In: NETTO, José Paulo (org). *Georg Lukács*. Sociologia. São Paulo: Ática, p. 25-56, 1981.

RENTON, Dave. O Marxismo Dissidente de Karl Korsch. *Revista Espaço Livre*, Goiânia, v. 10, nº 19, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/304/234>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

VIANA, Nildo. *A consciência da história*. Ensaios sobre o materialismo histórico- dialético. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

_____. A Essência do Marxismo. *Marxismo e Autogestão*, ano 01, nº 02, jul./dez. 2014, p. 24-37. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/4viana2/110>>. Acesso em: 29 out. 2017.

_____. *Karl Korsch e a concepção materialista da História*. São Paulo: Scortecci, 2014.

_____. *O que é marxismo?* Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta*. *Lua Nova*. São Paulo, nº 59, p. 159-175, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mar. 2018.